

YAYOI KUSAMA

POR ZILDA MARIA BELTRÃO FRALETTI



Yayoi Kusama é considerada a maior artista japonesa viva e está entre os mais originais e inventivos artistas contemporâneos. Ela é conhecida como a Princesa das Bolinhas, pois aplica bolinhas de inúmeros tamanhos e cores em telas, roupas, vídeos, esculturas e até em corpos nus.

Kusama sofre de transtorno obsessivo-compulsivo e alucinações desde a infância. Tinha alucinações com bolinhas e tramas, que a levaram a usar obsessivamente a repetição de padrões em superfícies ao longo de sua carreira. A repetição em grande escala e a originalidade impressionante de sua obra tem forte impacto; suas instalações atraem e fixam-se na memória de seu público. Tanto quanto é "vista", a arte de Kusama é "experienciada".



A artista com suas telas mais recentes

Performance nos anos 1960 em NY



Desde pequena ela sonhava se tornar pintora. Começou a pintar aos 10 anos, contra a vontade da família. Sua mãe lhe dizia que ela não tinha permissão para pintar, e que um dia teria que se casar e se tornar dona-de-casa; chegou a destruir seus desenhos e esconder todas as tintas e telas. Seus primeiros desenhos são extremamente requintados.

Auto-retrato da artista





Sala de Espelho Infinito

O primeiro trabalho conhecido em que ela incorporou as bolinhas é um desenho de 1939 (aos 10 anos), em que a imagem de uma mulher japonesa de quimono, possivelmente sua mãe, é coberto por pontos. Ela conta que quando ainda era muito jovem foi a um psiquiatra que entendia de arte e desde então aprendeu a usar a arte como uma forma de controlar sua doença. "Desenvolver a criatividade foi a minha cura. Se não fosse pela arte, eu teria me matado há muito tempo", diz ela. Em 1948, Yayoi saiu de casa para estudar pintura na Escola Municipal de Artes e Ofícios de Kyoto, mas odiava a rigidez do ensino e se interessava pela arte de vanguarda europeia e americana. Realizou algumas exposições de suas pinturas no Japão nos anos 1950, quando desenhava formas naturais abstratas em aquarela, guache e óleo sobre papel.

Mudou-se para Nova York em 1958, aos 29 anos, e juntou-se aos pioneiros da vanguarda do pós-guerra. Mas ali também ela teve que lutar muito para se impor como mulher em um meio artístico dominado pelos homens, como uma oriental no mundo da arte ocidental e como uma vítima de seus próprios sintomas obsessivos.

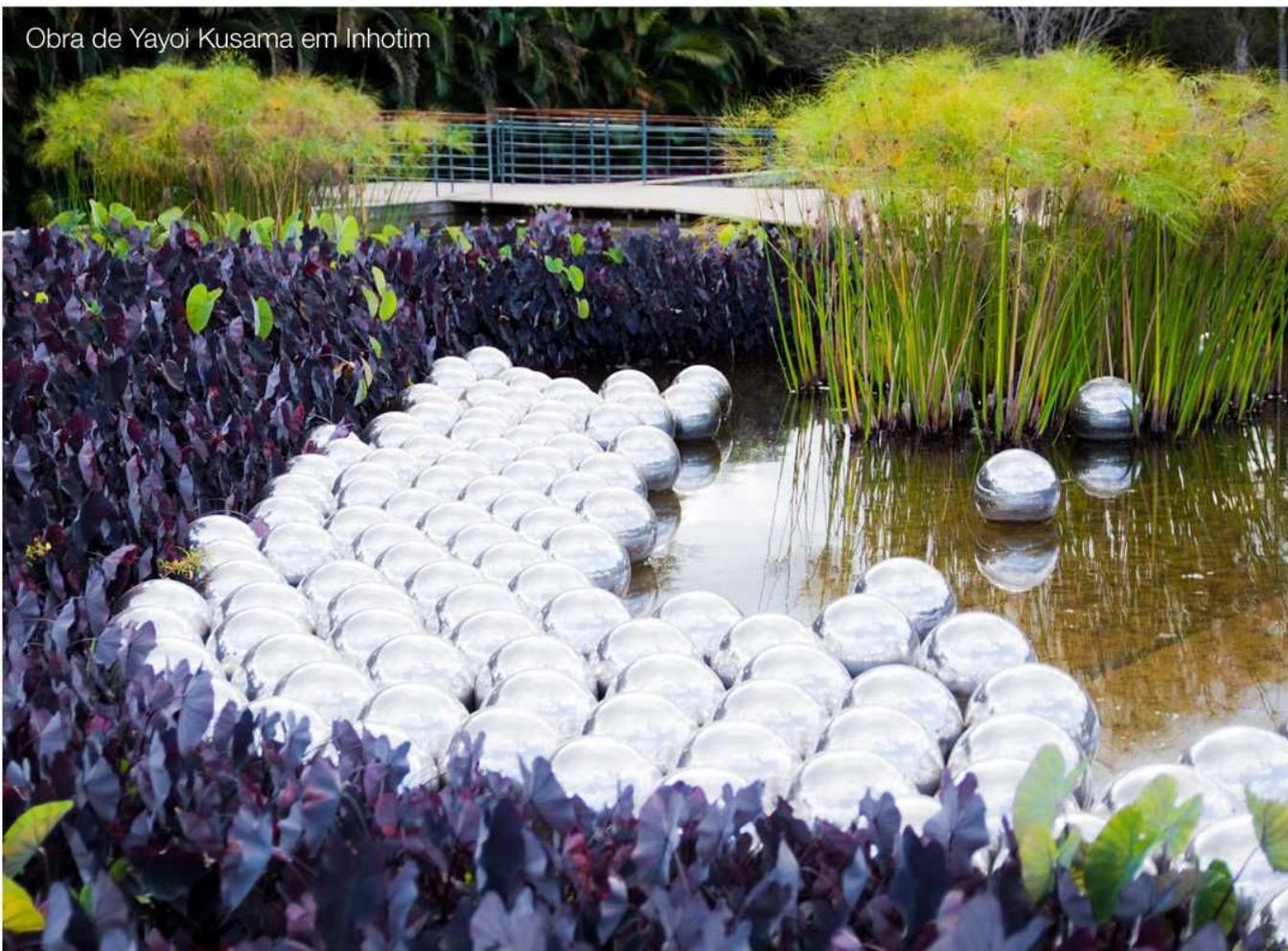
Produziu uma série de pinturas influenciadas pelo movimento expressionista abstrato e aos poucos passou a se expressar em esculturas e happenings. Kusama se tornou uma figura da vanguarda nova-iorquina e se associou ao movimento da Pop Art, tendo seus trabalhos expostos ao lado dos de Andy Warhol. Envolveu-se com o movimento hippie no final dos anos 1960 e chamou a atenção do público quando organizou uma série de happenings nos quais os participantes tinham os corpos nus pintados com bolinhas de cores fortes.

Desta época são também as célebres “Accumulations” (Acumulações), esculturas macias de tecido que reproduzem falos como tentáculos ameaçadores e a série “Infinity Net” (Rede Infinita), pinturas originais caracterizadas pela repetição obsessiva de pequenos arcos pintados, aglutinados em padrões rítmicos maiores.

“Quando cheguei a NY eu subi no topo do Empire State; olhando para aquela cidade tão grande, prometi a mim mesma que um dia eu a conquistaria e tornaria meu nome conhecido em todo o mundo com meu amor pelas artes e a montanha de energia criativa guardada dentro de mim. Em NY eu me dediquei totalmente ao trabalho. Desenhava todos os dias, de manhã até a noite, e comecei a pintar tramas de padrões repetitivos, algumas em telas que mediam até 10 metros. Quando eu desenhava, as tramas iam se estendendo para fora das telas e preenchiam o piso e as paredes. Quando eu olhava de longe, via uma alucinação e era envolvida por aquela visão. Foi assim que comecei a criar instalações.”



Acumulações



Obra de Yayoi Kusama em Inhotim

Ela trabalhava demais e em 1973, exaurida, voltou ao Japão e começou a escrever romances surrealistas, contos e poesia. Sua carreira literária inclui treze novelas, uma autobiografia e um extenso catálogo poético. Quatro anos mais tarde internou-se voluntariamente em uma instituição psiquiátrica de Tóquio, na qual reside há mais de 35 anos. Atualmente, aos 84 anos, ainda mora na clínica, tem seu atelier ao lado e todas as manhãs vai para lá e trabalha das 9 às 18 horas. Ali tem seus assistentes, espaço para pintar, sua biblioteca e arquivos.

A obra de Kusama tem sido mostrada em grandes exposições em museus internacionais. Duas vezes representou o Japão na Bienal de Veneza (1966, 1993). Seu trabalho está em várias coleções importantes em todo o mundo, incluindo a National Gallery de Washington, o Museu de Arte Moderna de Nova York, o Centro Pompidou em Paris, o Neuenational Galerie em Berlim. A exposição individual que realizou em NY em 1996 ganhou o prêmio "Melhor Exposição em Galeria" em 1995/96 e o prêmio da Associação Internacional de Críticos de Arte como melhor exposição em 1996.

A América Latina está recebendo pela primeira vez uma exposição da artista. “Obsessão Infinita” começou em Buenos Aires, chegou ao Brasil no CCBB do Rio de Janeiro e de lá irá ao CCBB de Brasília. Em 21 de maio será aberta em São Paulo, no Instituto Tomie Ohtake, de onde seguirá para o México. A curadoria é de Philip Larratt-Smith (do Malba – Fundación Constantini, Buenos Aires) e Frances Morris (curadora da retrospectiva de Kusama na Tate Modern de Londres). São mais de cem obras datadas de 1949 a 2012, incluindo pinturas, trabalhos em papel, esculturas, vídeos, apresentação de slides e instalações, entre elas a celebrada “Dots Obsession” (Obsessão por Bolinhas). Em uma tentativa de compartilhar suas experiências, desde 1963 Kusama tem dado continuidade a sua série “Salas de Espelho Infinito”, instalações em que constrói salas forradas com espelhos contendo dezenas de bolas coloridas de neon. A luz é refletida repetidamente criando a ilusão de um espaço sem fim.



Na instalação "The obliteration room"(Sala de Anulação), o público recebe uma cartela de adesivos e é convidado a colar como quiser as bolinhas coloridas que se converteram na marca de identidade de Kusama.

Em 2012 a Louis Vuitton lançou a coleção "Infinitely Kusama", parceria entre a griffe e Yayoi Kusama que contou com roupas, bolsas, sapatos e acessórios com a icônica estampa de bolinhas, característica da artista japonesa. Na mesma época o Whitney Museum abriu a exposição de Kusama que havia sido exposta na Tate Modern.



Na verdade, esta não foi a primeira vez que Yayoi transcendeu para o universo para a moda. Quando a artista vivia em Nova York, nos anos 60, inaugurou a Kusama Fashion Company, que vendia os seus vestidos e tecidos, todos com estampa de bolinhas. Em 1969 ela abriu loja própria e, durante algum tempo, a varejista de luxo Bloomingdale's vendia as suas criações vanguardistas.

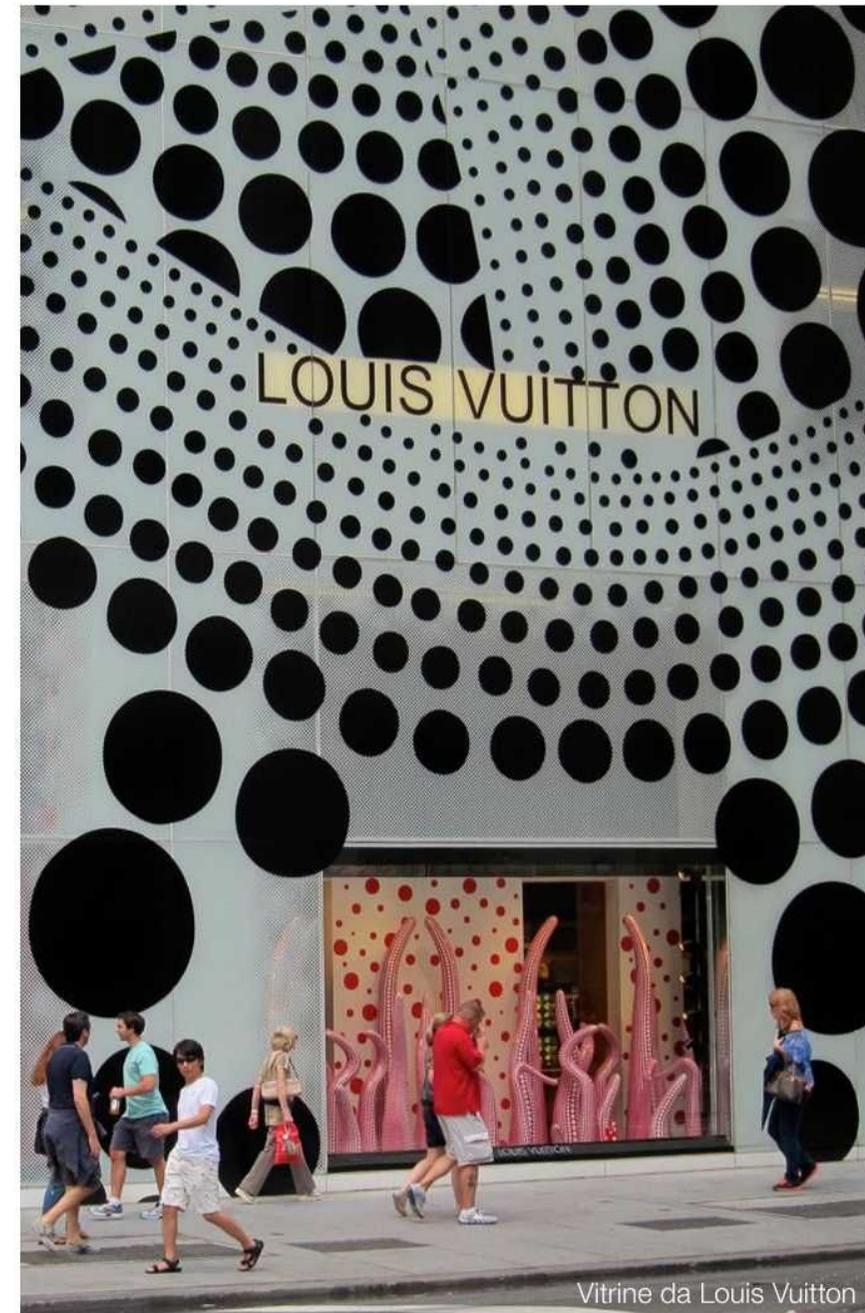
Atualmente ela continua a pintar telas em acrílico colorido sobre tela.

“Bolinhas vermelhas verdes e amarelas podem ser os círculos que representam a Terra, o sol ou a lua. A bolinha tem a forma do sol, que é um símbolo da energia do mundo e da nossa vida; tem também a forma da lua, que é calma. Sua forma e o que ela significa realmente não importa. Eu pinto as bolinhas nos corpos das pessoas, e com elas as pessoas se anulam e voltam para a natureza do universo...bolinhas se tornam movimento...bolinhas são um caminho para o infinito.” (Yayoi Kusama)

www.zildafraretti.com.br | 41 3026-5999



Mobília Árvore Amarela



Vitrine da Louis Vuitton